

REPORTAGEM

A escola de enfermagem Alfredo Pinto

ADALBERTO MÁRIO RIBEIRO

O Serviço Nacional de Doenças Mentais mantém à avenida Pasteur n.º 292 a Escola de Enfermagem Alfredo Pinto. Sua criação data de 1890, segundo o decreto n.º 791, de 27 de setembro daquele ano, assinado pelo chefe do Governo Provisório, marechal Deodoro da Fonseca, sendo ministro da Justiça o Dr. Cesário Alvim.

E' considerada a mais antiga escola oficial de enfermagem do país. Apesar de ter mais de meio século de existência, a ex-Escola Profissional de Enfermeiros do Hospital Nacional de Alienados é pouco conhecida do grande público. E, ainda agora, quando a procurávamos ali pelas imediações da antiga sede do Hospital Psiquiátrico, hoje instalado no Engenho de Dentro, não nos foi fácil encontrá-la. Talvez tivesse sido também levada para aquele subúrbio, por ser um dos órgãos integrantes do Serviço Nacional de Doenças Mentais, como dissemos de início.

Como era de esperar, encontramos fechado o casarão do antigo hospício. Em todo o caso, prosseguimos pela calçada, em direção à Praia Vermelha. Uma casa velha, recuada da rua e tendo à frente o mesmo gradil em continuação ao do pardieiro do hospício, estava, porém, habitada. Também ali não poderia se achar instalada uma escola de enfermagem, onde, entre outras coisas, se devia ensinar higiene...

Ao portão um garoto sujo chupava um "picolé". Paramos um pouco a "assuntar". Não; ali, não poderia ser, pois se fosse mesmo a sede da escola, uma placa ou taboleta a indicaria, na certa.

— Você sabe onde *tem* por ai uma escola?

— Aquí *tem* uma, e D. Maria está lá dentro com as moças.

Respiramos. Atravessamos o terreno fronteiro à casa e passamos ao que lhe fica ao lado e para onde deitam portas e janelas do pardieiro apêndice do *pardieirão*, que durante quase um século abrigou milhares de loucos da cidade.

O menino do "picolé" estava certo. Aquela casa feia, esburacada e velha era, afinal, a Escola de Enfermagem Alfredo Pinto.

Agora, compreendíamos porque não lhe quizeram por o nome numa placa ou taboleta no portão de entrada... Recato, vergonha ou coisa semelhante. Que diferença da instalação da Escola Ana Neri, lá bem defronte, do outro lado da enseada de Botafogo! E, no entanto, as duas escolas se acham subordinadas ao mesmo Ministério da Educação. A Ana Neri nasceu triunfante no governo do Sr. Artur Bernardes, em cuja administração os serviços de assistência social no Brasil tiveram largo impulso, o que se deve, sem dúvida, também ao espírito de iniciativa e de muita ação do antigo diretor do Departamento Nacional de Saúde Pública, o saudoso e eminente cientista Carlos Chagas.

Sobre a Escola Ana Neri já escrevemos nesta Revista longa reportagem, publicada em seu número de janeiro de 1943. Narramos então nesse trabalho a história de Nightingale, a precursora da técnica da enfermagem no mundo inteiro.

Parece-nos oportuno reproduzir aqui o que escrevemos naquela época sobre

A DAMA DA LÂMPADA

Que bonita história a de Florence Nightingale!

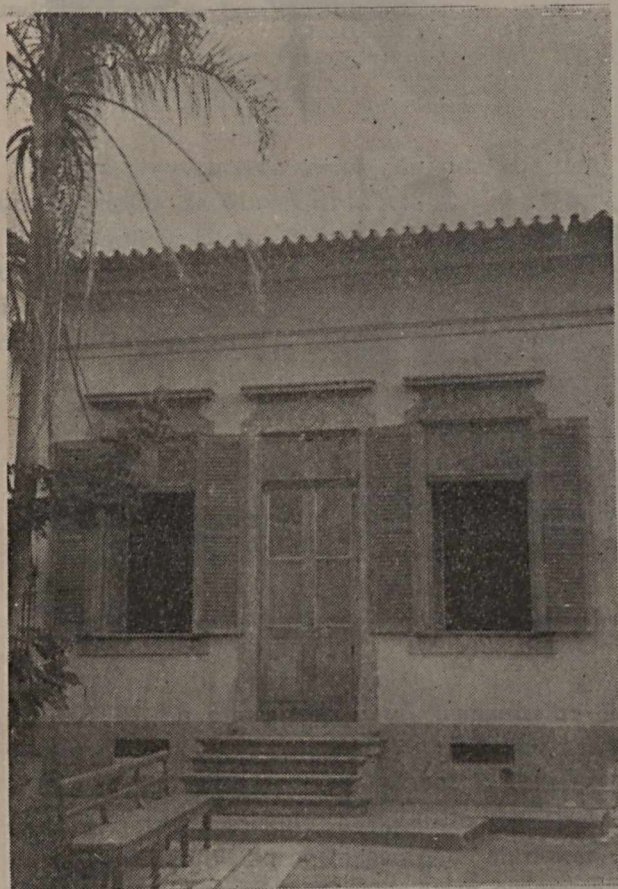
Sua vida foi todo um romance de ternura, abnegação e sacrifício.

Lytton Strachey dela nos fala em *Eminent Victorians*, em exposição simples, clara e precisa, que nos permite, com tão belo exemplo, apreciar como é realmente delicada e valiosa a contribuição da mulher à profissão que só ela pode exercer, de forma justa e adequada: a de enfermeira.

O escritor inglês, valendo-se da técnica de que foi precursor, mostra-nos o que fez Florence para tornar ainda mais proveitosa e eficiente a assistência a doentes: deu à nobre tarefa orientação adequada e inteligente, com absoluta disciplina e

introdução de novos recursos, de novos processos, que, como se sabe, passaram depois a constituir a base atual dos serviços de enfermagem.

Os resultados dessa reforma fizeram-se logo sentir nos hospitais ingleses e, depois, fora da Inglaterra, como se observou na guerra da Criméia, em Scutari, na Índia e em toda parte a que ocorria Florence, com sua equipe de enfermeiras aptas e adestradas, a fim de tratar de milhares e milhares de feridos e mutilados nos campos de ba-



Sede da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, à avenida Pasteur n. 292

talha e de vítimas de devastadoras epidemias de cólera e de tifo.

Que bonita história a de Florence Nightingale!

Como gostaríamos se todas as moças do Brasil a conhecessem! Se a tivessem bem viva na lembrança, como têm aquelas outras histórias aprendidas na infância, de príncipes encantados e tímidas princezas sonhadoras fechadas em castelos misteriosos, de densas e sombrias florestas ou perdidos em meio de areiais sem fim, lá para as bandas do Oriente, dessa Bagdá romântica e encantadora

de que nos fala Malba Tahan nos seus lindos contos, impregnados de estranha e suave poesia.

Ainda agora pudemos novamente apreciar a vida grandiosa de Nightingale, lendo o livro de Minnie Goodnow, *Outlines of Nursing History*. Sentimos a mesma satisfação, o mesmo conforto moral que experimentamos pela primeira vez ao conhecer a história da grande enfermeira inglesa.

O que se lê em *Outlines of Nursing History* não é uma biografia romanceada, mas o registro, acompanhado de documentos e fotografias, de todas as fases da vida de Florence, desde a infância, quando contava apenas cinco anos, à velhice, e que velhice! — até à sua morte, em 1910, aos 90 anos.

Dir-se-ia que a natureza requintou em alongar-lhe a vida porque a sabia preciosa, preciosíssima!

E Goodnow nos mostra em fotografia a adorável Nightingale aos 86 anos. Interessante: observamos-lhe semelhança, nos traços, com essa outra grande inglesa: a rainha Vitória.

Sabe-se porque Florence era chamada a “Dama da Lampada”.

À noite, no Hospital de Sentari, ela saía a percorrer as enfermarias, parando de leito em leito, no afan de inteirar-se do estado de cada soldado ferido. Como não havia iluminação geral, levava ela uma vela acesa, que lhe realçava a figura no meio das trevas em que o silêncio só era quebrado pelos gemidos dos que mais sofriam, torturados pela dor.

Que bonita história a de Florence Nightingale!

Hoje toda a humanidade lhe sente a benéfica influência, através dos ensinamentos que deixou e vão sendo difundidos no mundo inteiro por meio de escolas de enfermeiras. E, assim, com o banimento completo do empirismo nos trabalhos de enfermagem e com a prática de constantes lições de salutar moralidade exigida aos seus profissionais, vai sendo afastada aquela incompreensível e mal-sinada prevenção contra uma nobre carreira, prevenção essa de que a própria Florence Nightingale foi vítima, conforme se acha registrado em todas as suas biografias.

Infelizmente ainda se observa essa reserva por parte de pessoas que, falhas de sensibilidade e pobres de sentimentos, não podem na verdade perceber o valor, a significação social e humana do trabalho da enfermeira.



A diretora da Escola, Sra. Maria de Castro Pamphiro e o professor Alim Homem de Carvalho

No Rio de Janeiro, entretanto, o ambiente não é muito propício a semelhantes reservas ou preconceitos.

* * *

Quando fizemos nossa reportagem sobre a Escola Ana Neri fomos encontrar em sua direção e entre as alunas figuras das mais atraentes e interessantes da nossa sociedade. E, por agradável coincidência, estava na ocasião aqui no Rio e hospedada na própria Escola Ana Neri a sua primeira diretora, que lhe deu organização inteligente e prática — Miss Clara Louise Kienninger, que abriu oficialmente as portas do grande estabelecimento a 19 de fevereiro de 1923 às futuras enfermeiras do Brasil.

Conversamos com Miss Kienninger, que nos falou com ternura e muita sensibilidade da sua tarefa aqui no Rio, da organização daquela escola

de enfermagem, que, por decreto n.º 20.109, de 15 de junho de 1931, foi considerada escola padrão para as suas congêneres do Brasil.

Ressaltamos na nossa primeira reportagem sobre o ensino da enfermagem no país o que foi então a cooperação norte-americana em favor do seu progresso entre nós.

O professor Carlos Chagas conseguiu do governo dos Estados Unidos a vinda ao Brasil de enfermeiras da Missão Americana, que trabalharam no Departamento Nacional de Saúde Pública de 2 de setembro de 1921 a 3 de setembro de 1931, e todas sob a chefia de Mrs. Ethel Parsons, superintendente geral. Havia dois grupos: a Divisão de Saúde Pública e a Divisão de Enfermeiras, entre as quais se encontrava a eminente Clara Louise Kienninger, que, como dissemos, foi a primeira diretora da Escola Ana Neri.

Na primeira turma formada sob a direção de Miss Kienninger encontravam-se a Sra. Laís Neto

dos Reis, atual diretora da Escola Ana Neri e que lhe tem dado notável desenvolvimento, e a Sra. Maria Pamphiro, diretora presentemente da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto.

Na Escola Ana Neri também fomos encontrar a Sra. Ruth Barcelos, sua secretária, que ao lado da Sra. Neto dos Reis, dirige os serviços administrativos do estabelecimento com o mesmo saudável entusiasmo da diretora, concorrendo assim para que cada vez mais se imponha ao conceito público a escola que o saudoso cientista Carlos Chagas fundou no Rio de Janeiro.

*
* *

Falemos doravante da escola dirigida por esta outra discípula de Miss Clara Louise Kienninger, a Sra. Maria de Castro Pamphiro, que vem lutando com dificuldades sérias, decorrentes da instalação precária do estabelecimento em casa velha, adaptada às pressas, mas onde felizmente se nota

de forma acentuada a boa vontade, o espírito dê-se realizador altruísta que é o professor Adauto Botelho, diretor do Serviço Nacional de Doenças Mentais. Estamos certos de que, a exemplo do que foi feito à Escola Ana Neri, a Escola Alfredo Pinto terá também, dentro de pouco tempo, instalação condigna, capaz de lhe proporcionar meios de tornar-se ainda mais eficiente, à altura de suas finalidades.

A PRECARIÉDADE DOS SERVIÇOS DE ENFERMAGEM NOUTROS TEMPOS

Durante muitos anos a vida da antiga Escola Profissional de Enfermeiras foi difícil, por falta de recursos próprios e mesmo de apoio daqueles que deviam compreender-lhe a finalidade, sobretudo numa época de absoluta falta de enfermeiras competentes e capazes em nossos hospitais.

Em 1902 o Dr. Mário Neri, médico chefe da Seção Pinel do Serviço Sanitário do antigo Hos-



Flagrante de uma aula de história natural do professor Homem de Carvalho aos alunos do 1.º Período



O banho do bebê, numa demonstração prática de pediatria, feita por um aluno do 6.º Período

pício de Alienados, assim se referiu à aludida deficiência, ao depor ali num inquérito :

“O pessoal de enfermagem, além de incompetente, é insuficiente e não está educado para o exercício da profissão. A Escola de Enfermeiras que inaugurei em 1891, com resultados animadores, desapareceu. Hoje os artigos 48 e 55 e seus parágrafos, do decreto n.º 896, de 29 de junho de 1892, que aprova o regulamento destinado aos serviços da Assistência Médico-Legal de Alienados, são letra morta”.

Verifica-se por êsse depoimento que a escola criada no govêrno de Deodoro chegou a desaparecer...

O Dr. Chagas Leite, outro médico do Hospício de Alienados, assim se referiu, em janeiro de 1903, à mesma escola :

“Acho da mais urgente necessidade a execução do regulamento no que se refere à Escola Profissional de Enfermeiras”.

O professor Afrânio Peixoto, quando diretor interino do Hospício, assim se expressou no seu relatório de 1905 ao ministro da Justiça, Dr. J.J. Seabra :

“O decreto n.º 791, de 27 de setembro de 1890, criou uma escola de enfermeiras neste manicômio, mas daí até agora, em que o artigo 69 do regulamento vigente reiterou e detalhou ordem a respeito, nenhuma duradora execução logrou ter a meritória empresa. Digo assim porque falhou, pouco depois de iniciada, a tentativa de 1890”.

O professor Afrânio Peixoto acrescentou ao ministro de Justiça que, enquanto ficava aguardando suas providências a respeito da alteração do artigo 2.º do regulamento, que considerava impedimento à viabilidade da escola, resolveu congregar os profissionais da Assistência Médico-Legal de Alienados e pedir-lhes cooperação no sentido de dar vida à escola. Todos acederam, sendo então nomeados seu diretor e secretário, respectivamente.

te, o Dr. Antônio Fernandes Figueira e o bacharel João de Melo Matos. Docentes e auxiliares de ensino: Drs. Miguel da Silva Pereira, Humberto Neto Gotuzzo, Antônio Fernandes Figueira, Antônio Austregesilo, Lúcio de Oliveira, Francisco Cláudio de Sá Ferreira, Álvaro Porfírio de Andrade Ramos, José Chardinal d'Arpenan, Juliano Moreira, Domingos Niobey, Ulisses Viana, Eurico Vilela, Afrânio Peixoto, farmacêutico Francisco Ribeiro de Almeida, massagista P. Laurent e internos Srs. Adelino Pinto, Rezende Puech, Gastão Guimarães, Moura Brito e Afrísio Gouveia.

O professor Afrânio Peixoto mostrava-se, apesar de tudo, muito otimista, como se pode concluir deste fim de relatório:

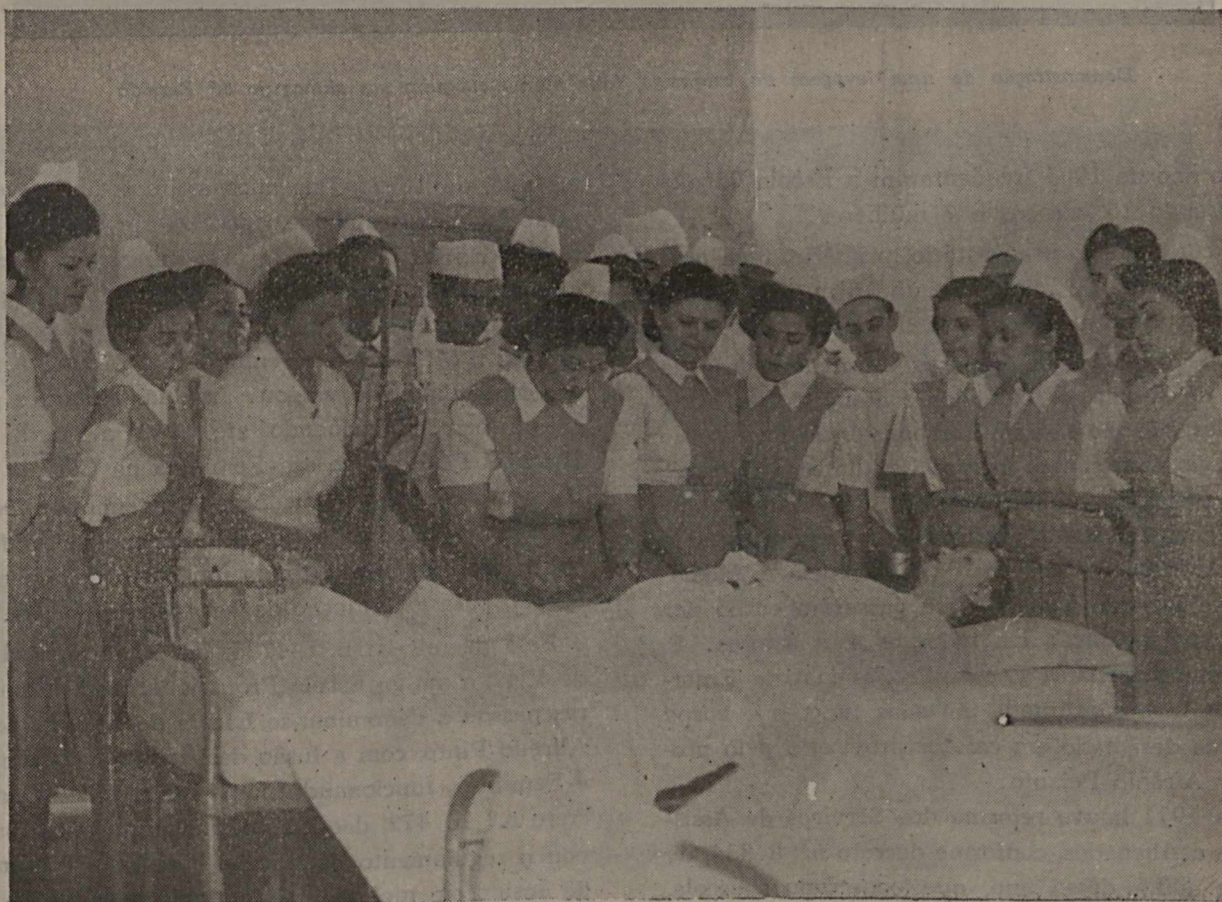
"Aí está já com que começar; certo à matrícula concorrerão boas vontades, que saberemos acolher e facilitar assim a tarefa a que nos impuzemos. Será mais um grande serviço ocorrido na fecunda administração de

V. Ex. e, pois, espero não seja só em número, no tempo, a primeira do país, a Escola Profissional de Enfermeiros do Hospício Nacional de Alienados".

A INSTALAÇÃO DEFINITIVA DA ESCOLA

Como o professor Afrânio Peixoto previra, acorreram à Escola vários candidatos aos seus cursos, que se instalaram solenemente no dia 16 de fevereiro de 1905, no salão nobre do Hospício de Alienados. A sessão foi presidida pelo ministro da Justiça, Dr. J.J. Seabra, que se achava ladeado pelos Drs. Afrânio Peixoto e Antônio Fernandes Figueira.

O Dr. J.J. Seabra, discursando, declarou então oficialmente inaugurada a Escola Profissional de Enfermeiros, "destinada a preparar enfermeiros e enfermeiras para os hospícios e hospitais civis e militares".



Alunos do 6.º Período assistindo à aplicação de uma injeção de soro fisiológico num manequim de técnico de enfermagem



Demonstração de uma lavagem de estômago, feita num manequim aos alunos do 6.º Período

No ano de 1905 freqüentaram a Escola 23 alunos, sendo 16 homens e 7 mulheres.

O curso anexo preparatório, primário, teve uma freqüência de 32 alunos, sendo 18 mulheres e 14 homens, aspirantes ao curso de enfermeiros.

Pode dizer-se que, a partir dessa nova fase da vida da Escola, os cuidados e atenções das autoridades que lhe deviam dar assistência imediata e prestígio tornaram-se menos hesitantes e falhos.

O professor Juliano Moreira, da Faculdade de Medicina da Bahia, veio dirigir naquele mesmo ano de 1905 os Serviços da Assistência a Alienados no Distrito Federal, que passaram então por nova reorganização em todos os seus setores. E, em consequência, a Escola Profissional de Enfermeiros teve confirmada em suas funções o corpo docente designado em caráter provisório pelo professor Afrânio Peixoto.

Em 1911 houve reforma dos Serviços de Assistência a Alienados, conforme decreto n.º 8.834, de 11 de julho desse ano, que conservou a escola, mantendo-lhe também o regulamento por que então se regia e que havia sido baixado pelo decreto

n.º 896, de 1892. Dez anos assim se manteve o estabelecimento até que, por portaria de 1 de setembro de 1921, expedida pelo ministro da Justiça Dr. Alfredo Pinto Vieira de Melo, foi-lhe dado um regimento novo, que estabeleceu três seções na escola: a Masculina, a Feminina e a Mixta. A Seção Masculina não vingou. As duas restantes pegaram bem, funcionando até 1943; a Mixta no Hospital Psiquiátrico e a Feminina na Colônia de Psicopatas Gustavo Riedel, no Engenho de Dentro, com o nome de Escola Profissional de Enfermeiras Alfredo Pinto, tendo um curso de especialização para a formação de *Visitadoras Sociais*.

Pelo decreto-lei n.º 4.725, de 22 de setembro de 1942, a antiga Escola Profissional de Enfermeiras passou a denominar-se Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, com a fusão das duas seções Mixta e Feminina, funcionando numa única sede. O decreto n.º 10.472, daquele mesmo dia e ano, aprovou o regulamento da Escola, com seu programa de ensino em moldes mais aperfeiçoados, de acordo com as exigências técnicas da moderna enfermagem.

Depois de tantas reformas, decretos, fusão, supressões, etc. ficamos, afinal, na

ATUAL ESCOLA DE ENFERMAGEM ALFREDO PINTO

Vamos portanto descrever nesta reportagem o antigo centro de formação de enfermeiros, ouvindo em primeiro lugar sua diretora.

Como tôdas as dependências da Escola, o gabinete de trabalho da Sra. Maria de Castro Pamphiro é modestíssimo. Não vamos descrevê-lo, pois se o fizéssemos não traríamos a esta reportagem pormenor precioso...

Enquanto aguardávamos o momento oportuno para falar à diretora, observamos que, de vez em quando, entrava em seu gabinete uma aluna, deixando sobre a sua mesa um pequeno cartão.

Claro que não poderia ser cartão de visita...

Foi sobre êle que, afinal, começamos nossa conversa com a Sra. Maria Pamphiro:

— Por que essas moças deixam aqui na mesa êsse cartão?

— Ah, hoje é segunda-feira e êsse cartão contém informações prestadas pela própria aluna do que fez ela durante a semana na Escola. Se quiser pode lê-lo.

E, assim, num instante nos pusemos a corrente de todos os pormenores do cartão, que registra o número de horas gastas pela aluna ou aluno em aulas, conferências, estudos e trabalhos práticos.

Perguntamos se tal cartão é padronizado em tôdas as escolas como aquela.

— Não; foi criação minha. Na Escola Ana Neri, da qual como sabe fui aluna, há cartão parecido com êste, sem a minúcia do nosso.

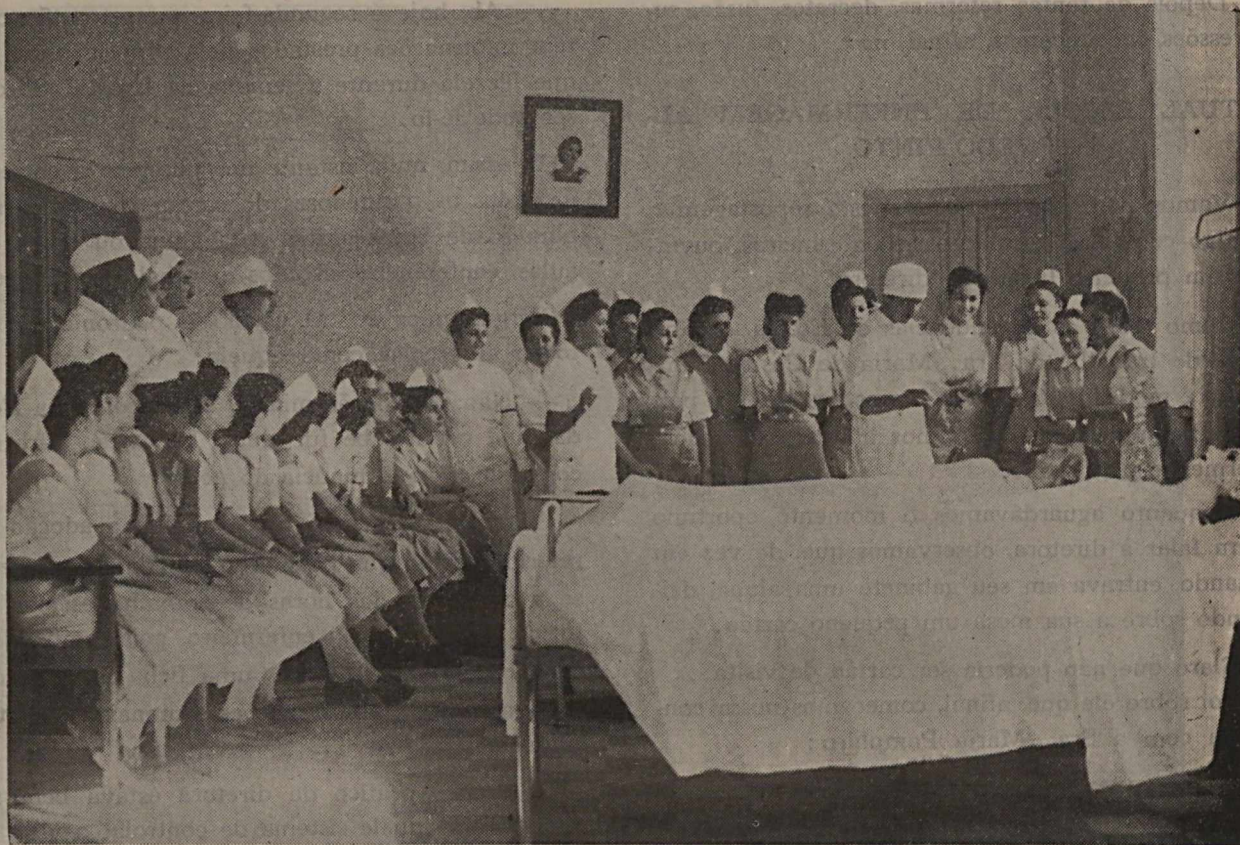
Achamos realmente muito prática a adoção do referido cartão que possibilita, rapidamente, fazer-se a contagem das horas de trabalho escolar da futura enfermeira ou enfermeiro, pois também ali estudam rapazes. Depois, uma ficha maior e definitiva recebe as informações semanais do cartão pequeno.

O espírito prático da diretora estava bem revelado com aquêle sistema de controlar a vida de

Um aluno da 4.ª Período aplicando ventosas para demonstração da técnica de enfermagem.



Revisão do técnico de enfermagem, quando se fazia um curativo abdominal



Um aluno do 4.º Período aplicando ventosas para demonstração da técnica de enfermagem

seus discípulos. Chegamos a dizer-lhe que muito aproveitaria de certo se fizesse estágio nos Estados Unidos, onde poderia apurar ainda mais seu espírito de iniciativa, e D. Maria Pamphiro assim nos respondeu :

— Já estive lá ano e meio, desfrutando as grandes vantagens de uma bolsa de estudos que me foi concedida pela Fundação Rockefeller. Essa instituição deu, aliás, outras bolsas às primeiras enfermeiras diplomadas pela Escola Ana Neri.

— Naturalmente, semelhante concessão só foi concedida a alunas distintas...

— Os nomes indicados para recebê-la o foram depois do conhecimento rigoroso dos relatórios referentes ao aproveitamento de cada aluna. Devo dizer-lhe, com certo orgulho, que a primeira turma da Escola Ana Neri, formada em 1925, foi a que conquistou maior número de bolsas. Além do estágio que fiz em Filadelfia, passei algum tempo em Toronto, no Canadá, para aperfeiçoar-me em serviços de saúde pública e enfermagem escolar.

— Havia mesmo muito que ver e observar quanto à enfermagem escolar ?

— Sem dúvida ! O trabalho de enfermagem escolar não é tão simples e superficial como talvez o senhor suponha. Sabe que é muito interessante para melhor aproveitamento da criança na escola, uma triagem perfeita, selecionando-se alunos infantis por grupos, conforme sua capacidade mental, visual, resistência física, educação, etc.

— Realmente é de grande vantagem essa triagem. E por que a senhora preferiu ir tão longe, lá a Toronto, para semelhante estágio ?

— Porque essa cidade canadense é considerada como um dos maiores centros de serviços da saúde pública, sendo de destacar o setor referente à criança.

Depois a Sra. Maria Pamphiro passou a tratar da escola que dirige, dizendo-nos :

— Esta escola, apesar de muito antiga, acha-se pela primeira vez dirigida por enfermeira diplomada. Ressentia-se a sua direção da falta de continuidade, pois era entregue, em rodízio, a professores devidamente designados para esse encargo. Por aqui passaram nomes de relêvo na psi-

quiatria. Quanto a alunos, noto que a Escola vem atraindo ultimamente mais interesse para seus cursos, sobretudo de jovens ligadas a famílias de médicos. Assim é que contamos aqui com algumas moças parentes de médicos ou com êles relacionadas e que vieram matricular-se por sua indicação.

— Há número limitado de matrículas nos cursos da Escola?

— Não sei se já lhe disse que a Escola de Enfermagem Alfredo Pinto tem alunos externos e internos e de ambos os sexos. O nosso regulamento determina o limite de 40 matrículas para alunos internos remunerados.

— Remunerados?

— Sim; tem êles direito, além de hospedagem, alimentação e vestuário, a um auxílio mensal de cem cruzeiros.

— Para pequenas despesas, naturalmente...

— Não é tanto assim. Além de despesas miúdas, como a compra de pertences próprios a um estudante, o calçado e por êles comprado, pois a Es-

cola ainda não tem verba para fornecê-lo. Temos atualmente 35 alunos internos e 33 externos. Há, entretanto, alunos internos que, afora êsse auxílio federal de cem cruzeiros, recebem dos governos dos Estados de que são provenientes, vencimentos próprios, conforme o contrato que com êles mantêm. Por outro lado, êsses alunos acham-se perfeitamente amparados quanto a vantagens futuras, porque, logo que terminem os nossos cursos, os Estados vão recebê-los como profissionais de seus serviços hospitalares e sanitários. Aqui estão no momento estudando alunos de Pernambuco, Ceará e Rio Grande do Sul.

— É, de fato, uma grande vantagem essa.

— Sem dúvida. Êsse sistema de aceitação de alunos estaduais foi instituído há cerca de um ano, depois da propaganda feita nesse sentido pelo Departamento Nacional de Saúde Pública, quando o Dr. Barros Barreto era seu diretor. O nosso regime escolar, tanto para alunos internos como para externos, é de dez horas diárias, com os necessários intervalos para café, às 6½ horas da manhã, almoço, de 11½ às 12½, merenda às 15 ho-



Aula prática de massagem



Alunas reunidas no pátio, antes de uma aula

ras e jantar às 17½ horas. Nessas dez horas, pratica-se diariamente o currículo escolar, compreendendo aulas teóricas e práticas, estágios hospitalares e aulas práticas, dadas também nos hospitais.

— Mas, então, os alunos saem para estágios fora?

— Há um rodízio, a partir do terceiro mês depois da matrícula, abrangendo todos os alunos que são levados a estabelecimentos hospitalares em correspondência com as especialidades teóricas ministradas pelos nossos professores na Escola. Assim é que os nossos alunos fazem estágio no Instituto de Neuro-Sífilis, que é órgão do Serviço Nacional de Doenças Mentais; na Clínica Neurológica da Faculdade Nacional de Medicina; nas enfermarias do Departamento Nacional da Criança e no seu Serviço de Dietética. Quanto à aprendizagem da parte de cirurgia, os alunos freqüentam o Hospital São Francisco de Assis. Como nesta Escola há uma especialização de enfermagem em serviços psiquiátricos, fazem também os seus estágios nos

próprios hospitais do Serviço Nacional de Doenças Mentais. Devo dizer-lhe que o professor Aduato Botelho criou o Centro Nacional Psiquiátrico que compreende os diversos hospitais de psiquiatria a cargo do Ministério da Educação. Não preciso encarecer o valor da contribuição que recebemos desse centro, onde a parte mais delicada do ensino de enfermagem que nos cabe é atendida de forma muito satisfatória. Temos tal interesse em difundir no país ensinamentos de enfermagem em psiquiatria, que a Escola Alfredo Pinto faculta, nessa especialização, a matrícula de enfermeiros já diplomados por outras escolas. Nos Estados Unidos leva-se muito em conta o psíquico do doente, qualquer que ele seja. E aqui havemos de tomar mais em consideração essa face da assistência ao doente. E o nosso Centro Psiquiátrico há de, por sua vez, tornar-se dentro de pouco tempo para a enfermagem, belo centro de estudos, como, aliás, já o é para a medicina.

Aqui terminamos nossa entrevista com a diretora da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto.

SALAS DE AULAS

A casa é velha, mas muito ampla. As salas de aulas não são mais e sua apresentação seria de certo melhor se contassem com material escolar mais moderno. Não falta ar, nem luz, que entram por várias janelas.

Mesmo ao lado do gabinete da diretora, no 1.º andar, há duas salas de aulas, uma do 1.º Período, na qual se ensinam anatomia e história natural, e outra destinada às aulas teóricas do 6.º Período.

No andar térreo funcionam, em duas salas diferentes, as aulas do 4.º Período e também o pavilhão de dietética. As aulas de demonstração prática de enfermagem são dadas numa sala especialmente instalada para esse fim. Nela vimos verdadeira enfermaria com todos os seus pertences, com os quais são atendidos, desde a entrada até ao tratamento definitivo, os doentes recebidos. Acontece, porém, que esses doentes são... dois simpáticos manequins louros e um bebê de olhos

azues. Gente, afinal, que só por hipótese fica ou está doente... São dóceis todos os três, e o bebê nunca fez manha. Não são eles como os doentes de verdade, que gemem, reclamam e algumas vezes protestam contra as minúcias da técnica de enfermagem. Eis os nomes desses adoráveis servidores da Escola: Alcina, Altina e Zezinho.

*

* *

Cada aluno aprende a lidar com uma coleção completa de bandejas contendo material para todos os tratamentos. Assim é que há na casa cerca de 26 bandejas diferentes. Cada bandeja traz pequeno cartão cor-de-rosa, no qual se acham os nomes de todos os instrumentos e peças nela contidos.

O aluno, ao fazer exame, prescinde do cartão, devendo mencionar ao examinador o nome e a utilidade de cada peça da bandeja. Mais ainda: deve saber compor uma bandeja para este ou aquele fim solicitado.



Os alunos da Escola são pesados mensalmente. Aqui está uma enfermeira pesando um grupo de alunos



Alunas a caminho do pavilhão de aulas

CURSO DE ENFERMAGEM

A seriação das disciplinas do Curso de Enfermagem está distribuída da seguinte forma :

Primeiro Período

- 1 — Física e química
- 2 — História Natural
- 3 — Anatomia
- 4 — Fisiologia.

Segundo Período

- 1 — Cirurgia
- 2 — Propedêutica e clínica médica
- 3 — Prática de laboratório
- 4 — Higiene.

Terceiro Período

- 1 — Cirurgia
- 2 — Propedêutica e clínica médica

- 3 — Farmacologia e terapêutica
- 4 — Dermatologia e sifilografia
- 5 — Radiologia e fisioterapia.

Quarto Período

- 1 — Nutrição e dietética
- 2 — Pediatria
- 3 — Obstetrícia, ginecologia e urologia
- 4 — Medicina de urgência
- 5 — Doenças transmissíveis.

Quinto Período

- 1 — Técnica de sala de operações
- 2 — Oftalmo-Oto-rino-laringologia
- 3 — Prática de saúde pública
- 4 — Medicina preventiva.

Sexto Período

- 1 — Psicologia e psiquiatria
- 2 — Serviços sociais

- 3 — Serviços de guerra
- 4 — Prática de saúde pública
- 5 — Ética de enfermagem.

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO DE PSIQUIATRIA

O Curso de Especialização em Serviços Psiquiátricos para enfermeiros diplomados tem a duração de seis meses e se acha dividido em dois períodos.

O primeiro período é constituído das seguintes matérias :

1. Psicologia normal e patológica
2. Neuriatria
3. Psiquiatria clínica
4. Higiene mental, legislação social e leis de assistência aos psicopatas.

O segundo período é assim formado :

1. Psiquiatria clínica

2. Neuro-psiquiatria infantil e pedagógica médica
3. Terapêutica psiquiátrica e praxiterapia
4. Técnica, organização e administração de enfermagem psiquiátrica.

CORPO DOCENTE DA ESCOLA DE ENFERMAGEM ALFREDO PINTO

O corpo docente da Escola é constituído de médicos psiquiatras e sanitaristas registrados no Departamento Nacional de Saúde.

O Curso de Enfermagem tem como professores os Drs. :

Afonso Homem de Carvalho
Alice Marques dos Santos
Amilcar Barca Pelon
Carlos Pimentel Cardoso
Denis Malta Ferraz
Fábio Leite Lobo



Alunas à hora do recreio



Uma aula prática de dietética

Fábio de Oliveira Camargo
 Francisco de Assis P. Fortuna
 Geraldo Junqueira Ribeiro
 Gustavo Augusto de Rezende
 Januário Jobim Bitencourt
 José Carneiro Airosa
 Juana Mancusi de Lopes
 Leontina Gomes
 Lintz Caire
 Luís Amadeu Robalinho de Oliveira Cavalcanti
 Luís Campos Melo
 Mário Moutinho dos Reis
 Murilo Vilela Bastos
 Olímpia Avelar Lopes
 Oscar Porfírio de Andrade Ramos
 Pedro de Sousa da C. e Sá
 Valter Silva
 Virgílio Gondim da Uzeda.

José Afonso Neto
 José Alves Garcia
 Manuel Leite de Novais Melo
 Osvaldo Camargo Abib.

O corpo técnico de enfermagem, que ministra os ensinamentos puramente técnicos do Curso Geral, é constituído de enfermeiros diplomados pela Escola Ana Neri e de enfermeiros da própria Escola de Enfermagem Alfredo Pinto. Tal conjunto de professores é o seguinte:

Adélia Pedroso Teobaldo
 Maria das Mercês Araújo
 Mercedes Ricardina dos Santos
 Maria da Penha Machado Pollmann
 Olímpia Avelar Lopes
 Regina Meinicke
 Debora Martins Saião

MUSEU

O Curso de Formação de Enfermeiros é ministrado pelos professores:

Antônio Xavier de Oliveira
 Elso Arruda
 Ivan da Costa Rodrigues

Vimos um armário contendo um museu em miniatura de peças empregadas na formação de todas as bandejas de trabalho de enfermagem.

Essas peças em miniatura são confeccionadas pelos próprios alunos, que assim revelam sua habili-

dade manual, sua iniciativa e espírito de improvisação, além de conhecimento técnico necessário à organização de qualquer conjunto de material necessário à enfermagem, seja para uma sala de operação, um serviço de pediatria ou dietética, seja para uma enfermaria comum.

ALUNOS FORMADOS

Já se formaram na Escola cerca de 800 enfermeiros, entre moças e rapazes, dos quais 80% se especializaram em enfermagem para doentes mentais. Antigamente esse curso de especialização tinha o nome de *Visitadoras Sociais*.

A VIDA DOS ALUNOS NA ESCOLA

Tomado o café da manhã, às 6 horas, saem os alunos aos bandos para os diversos hospitais onde fazem estágio. Uns vão para o Hospital São Francisco de Assis, onde realizam enfermagem médica, cirúrgica e de maternidade.

No Instituto Fernandes Figueira, junto à Escola Ana Neri, fazem prática de dietética infantil e pediatria. Nessa prática têm os alunos como mestres os monitores que os acompanham aos serviços práticos, instruindo-os junto aos doentes.

No Instituto de Neuro-Sífilis, que pertence ao Serviço Nacional de Doenças Mentais, há outro estágio, realizado, como os anteriores, em horários diferentes, havendo rodízio entre os alunos, que também fazem plantão à noite. Semelhante estágio se faz também na Clínica Neurológica da Faculdade Nacional de Medicina.

EXCURSÕES

Faz parte do regulamento da Escola a prática de excursões a estabelecimentos hospitalares e a outros que tenham atividades relacionadas com o estudo de enfermagem. Assim é que os alunos da Escola visitaram recentemente vários hospitais de casas de saúde, as Colônias Gustavo Riedel e Juliano Moreira, Centro de Saúde de Petrópolis, Hospital da Ordem 3.^a da Penitência, Hospital de Doenças Tropicais, Santa Casa da Misericórdia, Instituto Osvaldo Cruz, Museu Nacional, Jardim Botânico, Externato do Colégio Pedro II, etc. para

observação, nestes últimos, de material ligado ao ensino de história natural.

Em 1945 foram dadas 879 horas de aulas teóricas e 977 de práticas, sem contar as de canto e ginástica, que tiveram início nesse ano.

Os alunos devem fazer relatório do que viram e gostaram nas suas excursões. Há mesmo uma norma para esses relatórios, para que o estudante não se afaste do assunto que deve ser versado.

Há na Escola regular movimento social do qual participam alunos, suas famílias e, quando possível, os doentes, como nos dias de Natal e Ano Bom.

BIBLIOTECA

Com os recursos orçamentários existentes foi organizada uma biblioteca de acordo com as finalidades da Escola. Nela existem 260 volumes de obras variadas versando sobre assuntos de medicina, enfermagem, literatura em prosa e verso, didáticas e de arte.

Para incentivar o gosto pela leitura foi promovida uma hora de leitura semanal para os alunos, no fim de qual é servida uma guloseima.

A diretora toma parte nessa reunião e a enfermeira residente também.

SALA DE COSTURA

Atendendo a mais uma grande necessidade, foi instalada uma sala de costura com os recursos financeiros de que dispõe a Escola, tendo tido a cooperação no princípio de duas funcionárias que trouxeram suas máquinas de costura para o serviço.

Dêse modo o Internato e a Sala de Demonstrações de enfermagem foram abastecidas de roupa, cuja remessa inicial havia sido feita externamente.

ARQUIVO ESCOLAR

Entre as atividades da Escola destaca-se o trabalho de documentação relativo à vida escolar dos antigos alunos, desde a criação da Escola, o qual está sendo organizado em ordem alfabética.